

VACINAS: ERROS, ACERTOS E GARGALOS



Pesquisa traz um retrato inédito do que o brasileiro conhece em relação aos imunizantes e aponta as barreiras para uma vacinação adequada

por ANDRÉ BIERNATH
design ERIKA VANONI
ilustrações ANDRÉ MOSCATELLI

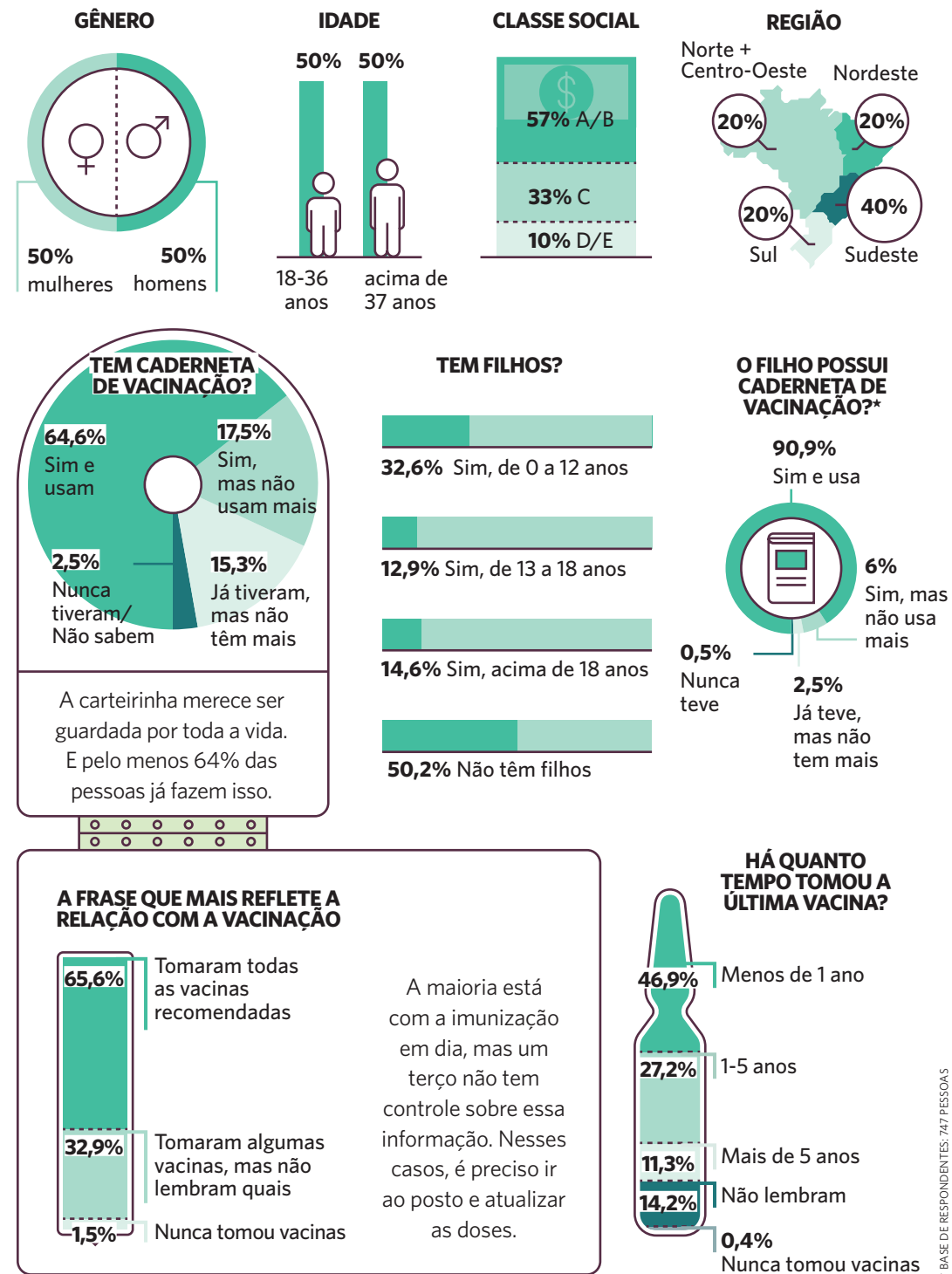
Elas estão no olho do furacão: com surtos de febre amarela, sarampo, gripe e outras moléstias mundo afora, nunca se debateu tanto o papel das vacinas na prevenção e no controle de diversas infecções. Se entre os especialistas não há dúvidas de que essa estratégia foi responsável direta por melhorias na saúde e no aumento da expectativa de vida, alguns boatos teimam em acusá-la das mais terríveis complicações — sem apontar nenhuma evidência séria disso. “Temos observado de perto esse fenômeno das notícias falsas na nossa área e o impacto que isso tem sobre as decisões das pessoas”, reflete a pediatra Isabella Ballalai, presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm). Para entender esse cenário, SAÚDE encomendou um levantamento à Área de Pesquisa e Inteligência de Mercado do Grupo Abril e à empresa de pesquisa digital MindMiners. Por meio de um formulário online, elas entrevistaram 1 500 pessoas de todas as faixas etárias, classes sociais e regiões do país.

O primeiro dado que assusta: um terço dos respondentes não tem ideia ou controle de quais imunizantes tomou no passado. “A vacinação não é apenas um cuidado consigo próprio, significa um ato de responsabilidade com toda a sociedade”, ressalta o médico Marcos Boulos, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e coordenador do Setor de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Também chama a atenção a quantidade de fatos desconhecidos sobre o tema. Cerca de 40% dos indivíduos não sabem que pessoas com doenças crônicas como asma e diabetes fazem parte de grupos de risco e precisam ficar ligados na vacinação, enquanto 46% não têm ciência de que é possível prevenir alguns tipos de câncer causados por micro-organismos com uma picadinha. Chegou a hora de mergulhar nos dados e esclarecer de vez essas questões. Afinal, a informação correta é a melhor vacina que existe para combater os boatos e as fake news. ➔



POR DENTRO DO ESTUDO

O levantamento teve representatividade nacional e contou com as respostas de muitos papais e mamães

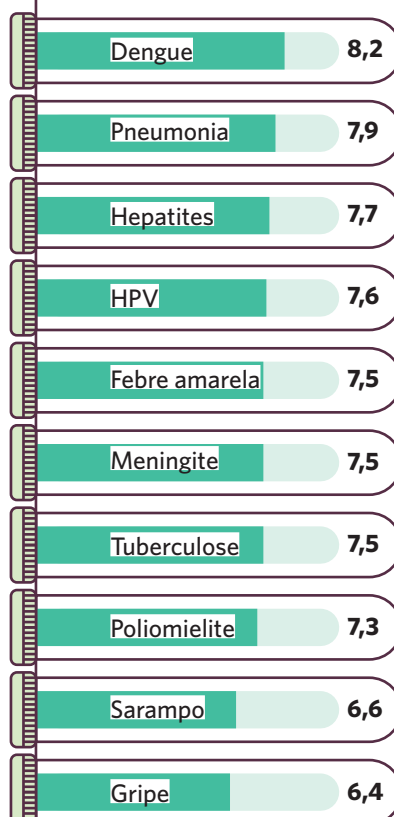


OS GRANDES TEMORES

O aparecimento de surtos — e as notícias sobre eles — parece influenciar bastante os níveis de preocupação

APREENSÃO SOBRE AS DOENÇAS

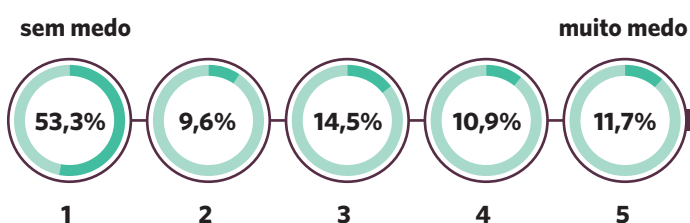
Nessa etapa, as pessoas tinham que dar uma nota sobre quanto temiam algumas enfermidades



Após três anos seguidos com um número astronômico de casos no Brasil, a dengue conquistou o primeiro lugar na lista das condições que geram mais medo. “Na contramão, a gripe não apresentou taxas muito elevadas na última temporada de frio, o que se reflete em uma nota mais baixa”, analisa o infectologista Renato Kfour, da Sociedade Brasileira de Pediatria. Pólio e sarampo, eliminados do país há alguns anos, seguem essa mesma toada.

RECEIO DE TOMAR AS VACINAS

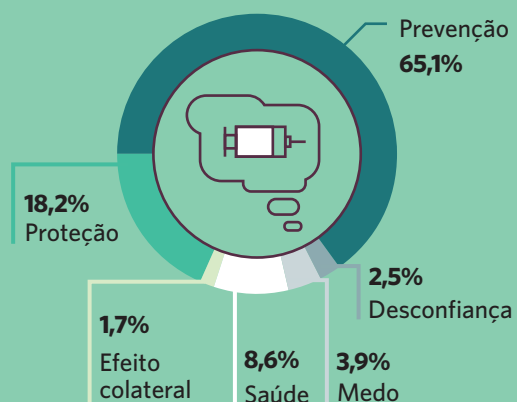
O medo de agulhas ou de efeitos colaterais não foi tão elevado assim



SEGURANÇA EM ALTA

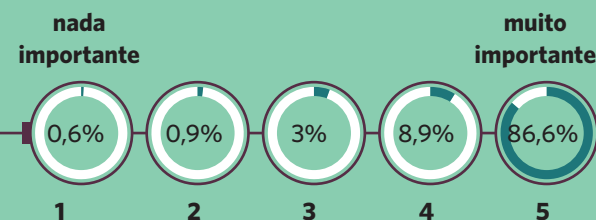
Ponto positivo: “prevenção” e “proteção” foram os termos mais associados à vacinação

AS PALAVRAS MAIS COMUNS AO SE PENSAR EM VACINAS

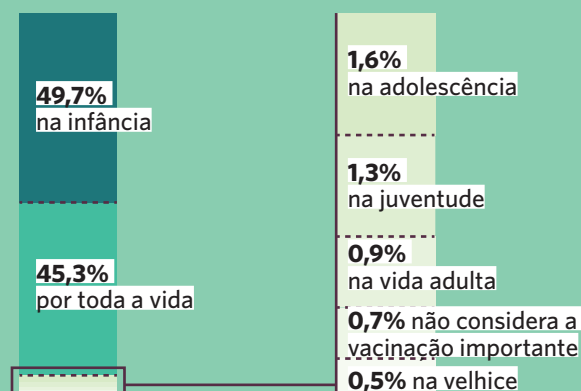


QUAL A IMPORTÂNCIA DA IMUNIZAÇÃO?

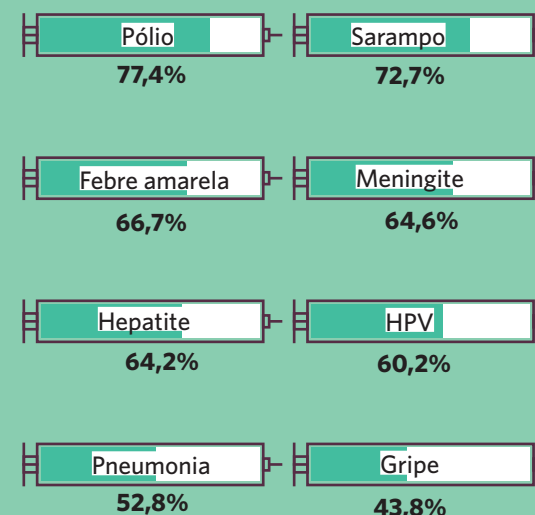
Na escala de 1 a 5, mais de 95% deram notas máximas à estratégia



EM QUE FASE DA VIDA AS VACINAS SÃO MAIS RELEVANTES?



PORCENTAGEM DE CONFIANÇA EM CADA VACINA



As três décadas de campanha contra a paralisia infantil deram certo: 77% dos respondentes declaram confiar muito no imunizante que resguarda contra a poliomielite. O pior cenário é o da gripe, que teve apenas

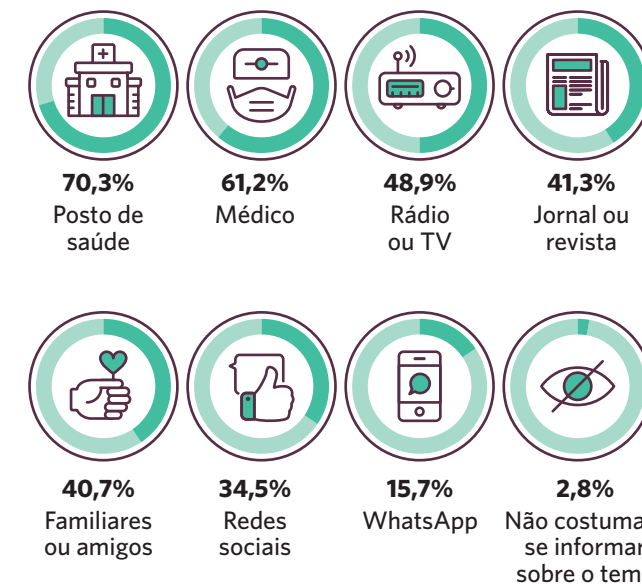
43% das impressões positivas. “As pessoas acham que o vírus influenza causa todos os quadros respiratórios, o que não é verdade”, alerta Kfour. Essa vacina não é só segura: ela evita complicações como a pneumonia.

A BASE DO CONHECIMENTO

Num mundo cada vez mais conectado, profissionais de saúde continuam como as fontes mais relevantes de informação

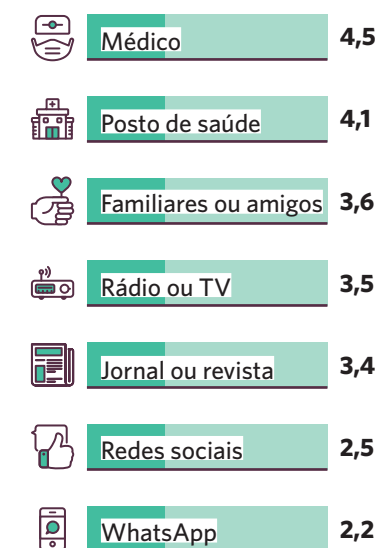
AS PRINCIPAIS FORMAS DE SE INFORMAR SOBRE VACINAS

Nesse caso, era possível escolher mais de uma opção



QUANTO DÁ PARA ACREDITAR NESSAS FONTES?

Os respondentes tinham que dar uma nota de 1 a 5



“Os postos de saúde devem ser pensados para ser cada vez mais essa referência de informação à população”, avalia Marcos Boulos. Já as notícias de redes sociais e o WhatsApp não são muito bem-vistos... Dica: é prudente sempre checar as fontes da reportagem compartilhada. ☺

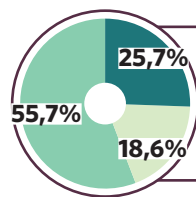
MITOS E VERDADES

Os gráficos mostram o que as pessoas conhecem (ou não) sobre os tópicos. No texto, você confere a resposta correta de cada um

CONCORDA COM AS FRASES ABAIXO?

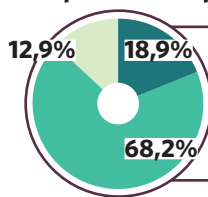
■ Sim ■ Não ■ Não sabe/nunca ouviu falar

Vacinas são úteis, mas, às vezes, causam mais doenças do que previnem.



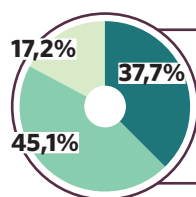
MITO: todos esses produtos passam por testes rigorosíssimos antes de chegarem até nós.

Pessoas que vivem em harmonia com a natureza e têm pensamento positivo não precisam tomar vacinas.



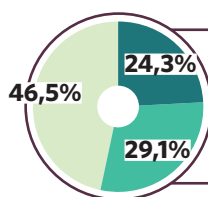
MITO: o contato com a natureza é ótimo. Mas lembre-se de que os micro-organismos causadores de doenças vivem por lá também.

Vacinas têm efeitos colaterais perigosos.



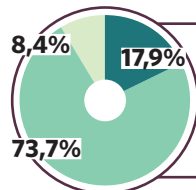
MITO: elas até causam eventos adversos, mas são leves ou moderados. Fale com o médico sobre contraindicações.

Algumas vacinas ajudam a prevenir câncer.



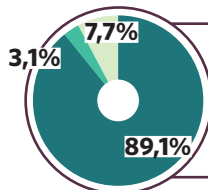
VERDADE: aquelas que bloqueiam as hepatites e o HPV evitam tumores no fígado e no colo do útero, respectivamente.

Quem é saudável não precisa se vacinar.



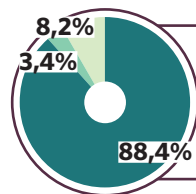
MITO: o imunizante serve justamente para que as pessoas continuem saudáveis e livres de infecções da pesada.

Existem vacinas que precisam ser tomadas antes de viagens.



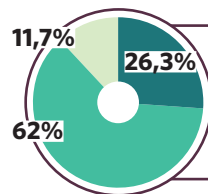
VERDADE: você pode se informar sobre o assunto no site da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, a Anvisa.

Existem vacinas que precisam ser renovadas de tempos em tempos.



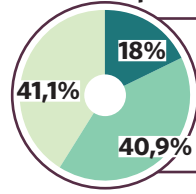
VERDADE: é o caso, por exemplo, da que protege contra tétano e difteria, que exige um reforço a cada dez anos.

Hoje confio menos nas vacinas do que confiava no passado.



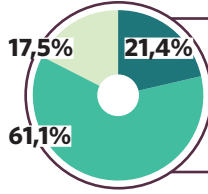
MITO: não há motivo para isso. Essa área de pesquisa avançou nos últimos tempos e a qualidade das formulações só melhorou.

Pessoas com doenças crônicas (diabetes, hipertensão...) não podem se vacinar.



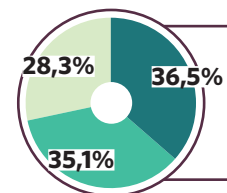
MITO: pelo contrário! Esses cidadãos fazem parte do grupo de risco e carecem ter mais atenção ainda com as doses.

Não há evidência de que as vacinas sejam seguras e eficazes.



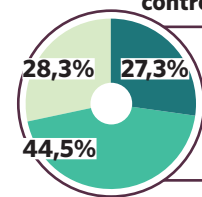
MITO: para serem aprovadas, elas são estudadas em milhares de voluntários e são exigidos resultados satisfatórios.

É perigoso tomar várias vacinas de uma vez.



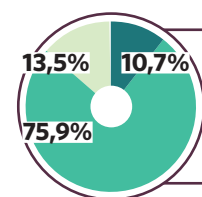
MITO: com raras exceções, não há risco nenhum em adotar essa estratégia. O sistema imune não fica sobrecarregado.

Vacinas são um instrumento de controle da indústria farmacêutica.



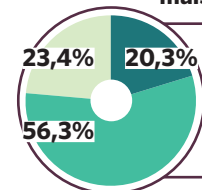
MITO: pura balela. Os grandes programas de imunização foram responsáveis diretos pelos ganhos globais de saúde.

Todas as vacinas estão na rede pública.



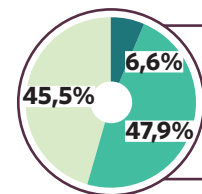
MITO: algumas só estão disponíveis em serviços privados, como a do herpes-zóster e a da dengue.

Tomar uma dose de uma vacina que prevê mais doses já garante proteção.



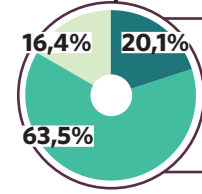
MITO: é essencial seguir direitinho o esquema das aplicações para ficar livre da ameaça de vírus ou bactérias.

Vacina pode causar autismo em crianças.



MITO: inúmeros estudos de altíssima qualidade já comprovaram que essa história é uma mentira deslavada.

Se existem outras formas de prevenir uma doença, prefiro segui-las em vez de me imunizar.



MITO: um estilo de vida saudável e hábitos básicos de higiene são vitais. Mas não substituem a vacinação.

PEDRAS NO CAMINHO

Confira os três gargalos que atrapalham os esquemas de vacinação



29,2%

reclamam da falta de disponibilidade das vacinas nos postos de saúde.

Eis a principal barreira relatada. “É um problema mundial que vai exigir mais planejamento das autoridades”, afirma a médica Lessandra Michelin, da Sociedade Brasileira de Infectologia.



28,9%

acham que as campanhas de vacinação são mal divulgadas.

Em tempos de mídias sociais e informação veloz, a forma de se comunicar com o público muda a todo momento. Sobram desafios de como conversar direito com a população.



60,3%

dos médicos não falaram sobre os imunizantes durante as consultas.

“No currículo básico da maioria das faculdades de medicina, não é obrigatório ter aulas sobre vacinas”, revela Lessandra. Sem essa formação, muitos profissionais nem se lembram do tema. ●